Obrigado, Paulo Mosânio

José Américo Bezerra Saraiva[1]

Vi prodígios de inteligência e intuição numa existência tumultuada pela Verdade. No caminho aberto pelo gigante, a cada papo e afago de alma, o topo oco de minha cabeça ganhava qualquer ou nenhuma direção. Exímio em tudo! Para quem o conheceu de perto, é mestre eterno a ensinar a líquida consistência do ser. Guardo-o em mim. Um zilhão de vezes: obrigado, Paulo Mosânio.

Com você, a alta cultura, pascalianamente despida do vaidoso manto nobiliárquico, dava voos rasos nas nossas cabeças, longe, muito longe do pomposo aparato da erudição balofa e sem propósito. Era em roupa comum e cotidiana, franciscanamente simples, que a nobreza generosa do seu espírito doava, com zelo e amor, o saber cultivado nos vãos luminosos da sua mente-coração. Com você, era o saber peripatético, o *credo quia absurdum*, a régua nominalista, o *deus sive natura*, o budismo moderno, os versos íntimos da mão que afaga e apedreja, os ademanes de ternura, a flor do lodo, o sagrado, o profano, o estado de perene poesia. E o gesto ostensivo do braço todo arrepiado.

Era assim, é assim, será assim, da cátedra à mesa de bar, ob-ligado a você, Paulo Mosânio.

[1] Professor do Departamento de Letras Vernáculas (UFC). E-mail: jabsaraiva@gmail.com.

ISSN 2237-6321